

## UMA ANÁLISE DAS INTERSECÇÕES ENTRE IMAGINAÇÃO, RAZÃO E SERVIDÃO NA ÉTICA DE SPINOZA

BRENA KÁTIA XAVIER DA SILVA \*

### TIPOS DE CONHECIMENTO

Na obra *Ética*<sup>1</sup>, Benedictus de Spinoza (1632-1677) descreve três distintos gêneros de conhecimento<sup>2</sup> que são fundamentais

\* Doutoranda em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC. Bolsista CAPES.

1 Abreviaturas utilizadas para *Ética*: Algarismos arábicos para as partes (1, 2, 3, 4 e 5 = *Pars* I, II, III, IV e V) seguida das seguintes abreviaturas (conforme o caso): A = *Appendix*, para *Pars* IV: A1, A2, etc. = *Appendix, Caput* I, II, etc.; AD1, AD2, etc. = *Affectuum Definitiones* I, II, etc.; Ax1, Ax2, etc. = *Axioma* I, II, etc.; C1, C2, etc. = *Corollarium* I, II, etc.; D1, D2, etc. = *Demonstratio* 1, 2, etc.; Def1, Def2, etc. = *Definitio* 1, 2, etc.; Ex1, Ex2, etc. = *Explicatio* I, II, etc.; I = *Introductio* (antes das *Definitiones*); L1, L2, etc. = *Lemma* I, II, etc.; P1, P2, P3, etc. = *Propositio* I, II, III, etc.; Post1, Post2, etc. = *Postulatum* I, II, etc.; Pref = *Praefatio*; S1, S2, etc. = *Scholium* I, II, etc. Exemplo de citação: E3P7.

2 Em seu Tratado da Emenda do Intelecto (TIE), Spinoza discorre sobre quatro distintos modos de percepção que os seres humanos utilizam para compreender o mundo ao seu redor. O primeiro modo é a percepção que advém do ouvir ou de outros sinais convencionais, como a linguagem e os gestos, que são acordados socialmente para representar ideias e objetos. O segundo modo é uma percepção que emerge da experiência vaga, caracterizada por uma compreensão não refinada por um raciocínio lógico ou científico; ela é considerada vaga porque se baseia em um único evento ou observação sem oposição de experiências contrárias, o que a torna persistentemente aceita. O terceiro modo de percepção envolve deduzir a essência de uma coisa a partir de outra, mas de maneira não plenamente adequada. Isso ocorre, por exemplo, quando inferimos a causa de um efeito sem uma compreensão completa ou quando generalizamos propriedades universais que são frequentemente associadas a outras características. O quarto e último modo é a percepção que ocorre através da compreensão pura da essência de uma coisa ou pelo conhecimento direto de sua causa próxima, sem intermediários ou suposições. No seu Curta Tratado sobre Deus, o Homem e o seu Bem-Estar (KV), Spinoza aborda os modos pelos quais o homem existe: “a opinião, a crença e o conhecimento claro”. Aqui ele distingue entre as formas superficiais de entender baseadas em suposições ou fé e o conhecimento claro que é fundamentado em evidências racionais e empíricas. Por fim, no Princípios da Filosofia Cartesiana (PPC), ele descreve os modos de perceber como “sentir, imaginar e entender puramente”. Estes modos representam diferentes níveis de profundidade na percepção humana, desde as sensações físicas até a imaginação criativa e o entendimento

para a compreensão humana. O primeiro é a imaginação, que opera com ideias inadequadas e forma uma imagem de algo sem um entendimento completo tanto da causa real do objeto quanto da causa real da própria ideia. Este tipo de conhecimento é caracterizado por uma percepção superficial e muitas vezes enganosa, pois baseia-se em impressões sensoriais imediatas sem uma análise profunda das causas subjacentes. O segundo gênero é a razão, que se ocupa do conhecimento adequado das noções comuns. Estas são ideias inatas e gerais que residem na razão de todos os seres racionais e permitem um entendimento mais preciso e fundamentado da realidade. Através da razão, somos capazes de compreender as leis universais que regem o mundo e as relações lógicas entre diferentes conceitos. O terceiro e mais elevado gênero de conhecimento é a intuição intelectual. Este nível alcança as ideias adequadas, que são verdadeiras representações de alguma coisa, pois incluem o conhecimento das causas que produzem tanto o objeto em questão quanto a ideia desse objeto em nós. A intuição intelectual permite uma compreensão direta e imediata da essência das coisas, sem a mediação de conceitos abstratos.

Spinoza faz uma distinção crucial entre imaginar e conhecer. Enquanto o conhecimento desenvolvido pelo intelecto é considerado o meio mais adequado para alcançar a verdade, o conhecimento proveniente da imaginação é visto como um conjunto de imagens vagas e passivas formadas em nossa mente pelas ações das coisas exteriores sobre nós. A imaginação é meramente uma opinião transitória, sujeita a ser

racional puro. Essas reflexões de Spinoza sobre os modos de percepção destacam sua busca por um entendimento mais profundo e preciso da realidade, enfatizando a importância do conhecimento claro e direto em contraste com as formas mais superficiais e menos confiáveis de percepção.

questionada ou substituída por novas imagens. As imagens formadas pela imaginação são afecções causadas por outros corpos ao nosso corpo, ou seja, são os efeitos das causas externas sobre nós. Como nosso corpo tende a se reorganizar com base nesses encontros<sup>3</sup>, o conhecimento imaginativo pode ser falseado de várias maneiras. Ele corresponde ao conhecimento por ouvir dizer ou ao conhecimento por experiência vaga, onde sabemos que algo acontece, mas não compreendemos como ou por quê.

O conhecimento adequado de um efeito advém do conhecimento da causa. Conhecer algo pela sua causa significa compreender a coisa desde sua origem necessária, a maneira pela qual ela é produzida por outra coisa. A imaginação pode ser vista como um tipo de conhecimento que forma representações sensoriais das coisas nos sentidos e no cérebro. Com base nessas representações sensoriais, os homens presumem conhecer as coisas; no entanto, o que realmente sabem é apenas como algo os afeta e, com base nessa afecção, criam uma representação considerando apenas a maneira pela qual são modificados pelos objetos com os quais interagem. No entanto, Spinoza argumenta que quando a mente humana percebe as coisas seguindo a ordem comum da natureza, ela adquire um conhecimento que é ao mesmo tempo confuso e incompleto (E2P29C). Isso ocorre porque tal

percepção é baseada em uma visão limitada e específica do que é percebido<sup>4</sup>, o que pode levar a uma multiplicidade de interpretações sobre a existência. Os seres humanos tendem a preencher as lacunas em seu entendimento da realidade com elementos criados a partir de uma visão restrita e determinada do que é percebido. Em outras palavras, os indivíduos começam a construir seu conhecimento sobre o mundo natural baseando-se na forma como a imaginação molda e interpreta a realidade, atribuindo existência aos objetos imaginários e, conseqüentemente, distorcendo o entendimento que surge das afecções experimentadas pelo corpo. A dificuldade dos seres humanos em entender plenamente a ordem universal e as motivações subjacentes às ações humanas está intimamente relacionada com as influências da esperança e do medo<sup>5</sup>. Essas emoções emergem da própria imaginação dos indivíduos e da maneira como ela interpreta a realidade circundante. Em resposta a essa turbulência emocional causada pela dúvida e incerteza, emerge a superstição, que atua como um mecanismo de defesa psicológico, uma forma de os indivíduos se protegerem contra as oscilações do medo e da esperança. A superstição opera

3 Spinoza, em sua filosofia, identifica três emoções fundamentais que são a base de todos os outros afetos: o desejo, a alegria e a tristeza. Ele explica que quando o corpo humano interage com outros corpos e sofre afecções, ocorre uma transição na potência do indivíduo, que pode tanto aumentar quanto diminuir a capacidade de ação humana (E3Pos1). Essa alteração é influenciada pelos afetos básicos e seus derivados. Por exemplo, se durante uma interação ocorre um aumento da potência, isso é atribuído a um afeto de alegria. Conseqüentemente, a capacidade do homem de existir e agir é ampliada, assim como sua predisposição para o conhecimento. Quanto mais frequentes forem esses encontros positivos, mais alegre e potente se torna a humanidade. É por isso que, seguindo sua essência e buscando o que é conveniente à sua natureza, o ser humano se esforça para criar condições que permitam persistir em seu ser pelo máximo tempo possível (TTP 16 [189]). Por outro lado, se uma interação resulta em uma diminuição da potência, um afeto de tristeza está envolvido e contribui para a deterioração do corpo afetado. Isso torna o indivíduo menos capaz de agir e mais suscetível a erros ao concatenar percepções e conceitos. Essa visão de Spinoza destaca a importância dos afetos na determinação da capacidade humana de agir e compreender o mundo.

4 Spinoza sustenta que a mente, por si só, não possui um conhecimento completo e preciso, seja sobre si mesma, sobre seu próprio corpo ou sobre os corpos externos. Ele argumenta que o conhecimento que a mente adquire é apenas parcial e distorcido quando ela percebe as coisas seguindo a sequência habitual dos eventos naturais. Isso acontece quando a mente é influenciada de forma externa, por encontros casuais com as coisas, levando-a a focar em aspectos específicos; em contraste, não é o caso quando a mente é movida internamente, ao considerar várias coisas ao mesmo tempo (E2P29S). Essa distinção ressalta a diferença entre o conhecimento superficial, que é adquirido por meio de percepções isoladas e circunstanciais, e o conhecimento profundo, que surge da contemplação interna e da compreensão integrada de múltiplos aspectos da realidade.

5 Spinoza define a esperança como sendo uma forma de alegria que não é constante, mas sim flutuante e incerta, emergindo da ideia ou concepção de um evento ou circunstância que ainda está por vir ou que já passou, e cujo desfecho ou realização não está completamente assegurado, deixando-nos assim em um estado de dúvida e expectativa. Por outro lado, ele descreve o medo como um tipo de tristeza que também é caracterizada pela sua falta de estabilidade, originando-se igualmente da ideia de algo que está no horizonte do tempo, seja no futuro ou no passado, e cuja ocorrência é incerta, provocando em nós uma sensação de insegurança e preocupação com o que está por vir ou com o que já foi.

como uma válvula de escape emocional, um meio pelo qual as pessoas buscam acalmar suas ansiedades e apaziguar as perturbações internas que surgem diante da imprevisibilidade da vida. Ao adotar crenças e rituais supersticiosos, os indivíduos encontram uma maneira de lidar com suas inseguranças internas, proporcionando a si mesmos um senso ilusório de segurança e controle sobre os aspectos da existência que, na realidade, estão fora de seu domínio direto.

#### **MANIPULAÇÃO EMOCIONAL E CONTROLE RELIGIOSO**

Spinoza enfatiza que a imaginação pode ser prejudicial ao ser humano na medida em que este atribui realidade aos objetos imaginários. Isso leva a uma alteração no entendimento que provém das experiências sensoriais do corpo. Portanto, sob o domínio do medo e/ou da esperança, os seres humanos desenvolvem sistemas de justificativas baseados em entidades cuja existência é afirmada pela própria crença na sua existência. Eles personificam as forças naturais, ampliam suas capacidades de atuação e lhes atribuem vontades próprias para governar não apenas suas vidas individuais, mas também toda a humanidade de forma absoluta. A essas entidades são concedidos atributos como onipotência, onisciência e onipresença, elevando-as ao status de divindades todo-poderosas e extremamente dependentes - seres supremos que controlam a existência de todos conforme os caprichos de sua vontade, cujos propósitos estariam além de qualquer compreensão humana. Nesse cenário teológico imaginado pelos homens, torna-se necessária a figura de intermediários - indivíduos ou pequenos grupos - que possam estabelecer contato com essa divindade suprema. Esses intermediários teriam funções como prestar culto, oferecer sacrifícios, receber revelações ou profecias, pois nem todos teriam a capacidade de compreender e transmitir os desígnios divinos. Com isso, surge frequentemente a formação de estruturas hierárquicas entre os indivíduos, baseadas em seu suposto grau de “proximidade” com a divindade. Essa proximidade é muitas vezes medida pela observância e pelo zelo religioso, criando assim uma espécie de castas espirituais. No entanto, é importante notar que os sentimentos de medo e esperança, que são poderosos motores para o fortalecimento das instituições religiosas, tendem a ser voláteis na natureza humana. Essa inconstância emocional pode levar a um

comportamento oportunista em relação à religião, onde os indivíduos escolhem professar a fé que lhes parece mais vantajosa ou reconfortante em determinado momento ou situação. Para combater essa tendência ao oportunismo e assegurar a estabilidade e o controle social, as autoridades religiosas, conforme apontado por Marilena Chaui (1995), adotam uma abordagem mais rígida e dogmática. Elas não se limitam apenas a interpretar as escrituras sagradas; elas também buscam codificar as supostas revelações divinas. Isso é feito através do estabelecimento de leis, regras e mandamentos que são apresentados como eternos e imutáveis, diretamente ordenados por Deus.

Aqueles que desafiam ou desobedecem a esses preceitos são frequentemente sujeitos a punições severas, incluindo a tortura e a morte, como meio de dissuadir futuras transgressões. Além disso, para manter seu domínio e influência, essas castas religiosas constroem um aparato militar e político robusto que opera primariamente através do terror. Esse sistema punitivo ameaça os potenciais transgressores com castigos severos enquanto simultaneamente adula aqueles que se submetem obedientemente com promessas de recompensas celestiais. Dessa forma, as instituições religiosas buscam garantir a lealdade e o controle sobre seus seguidores (CHAUÍ, 1995, p. 35). A partir das inseguranças que brotam da ignorância, os seres humanos tendem a se tornar, inicialmente, servos das imagens e ícones que eles mesmos criaram. Com o tempo, essa servidão se estende para incluir aqueles que afirmam saber como apaziguar essas imagens, que são meramente o produto da imaginação humana. Neste ponto crítico, observa-se uma alteração substancial nos níveis de servidão humana: as pessoas não estão mais limitadas a servir apenas às palavras de uma divindade, mas também às palavras de outros seres humanos que proclamam ter uma relação mais íntima com a divindade em questão. Essa suposta proximidade com o divino confere a esses indivíduos honrarias e um novo status elevado perante os membros de sua comunidade. Tais indivíduos abençoados pela divindade podem formar castas sacerdotais para realizar suas atividades sagradas de controle ou até mesmo governar sozinhos com as bênçãos de seu deus.

Esse servilismo e dependência são, em essência, a aceitação da ignorância humana diante do desconhecido. Representa uma preferência por ilusões alimentadas pelo medo do incerto e do que pode perturbar a estrutura de vida familiar ou a permanência em um ambiente nocivo. Esse medo é amplificado por qualquer coisa que possa alterar drasticamente a existência de alguém. Junto com o medo, existe a esperança – um vislumbre de dias melhores, um consolo para a alma em tempos difíceis ou a continuação de um momento de felicidade. A esperança também pode ser motivada pelo desejo de obter vantagens, mudar o status social ou ganhar reconhecimento por realizações. Essa combinação de medo e esperança cria uma força poderosa que não apenas domina, mas também ilude e tranquiliza as pessoas enquanto as manipula com um controle rígido.

#### **SERVIDÃO VOLUNTÁRIA E MANIPULAÇÃO RELIGIOSA**

A superstição se torna uma ferramenta poderosa para o estabelecimento de Estados e a perpetuação do poder governamental, enquanto os indivíduos permanecem confortavelmente em um estado de dependência muitas vezes autoimposto. Embora os seres humanos possam aceitar um líder para promover o bem comum da sociedade, há uma tendência inata no indivíduo de buscar maneiras de tornar essa servidão desnecessária. Como Chauí destaca, “os homens desejam governar e não serem governados” (CHAUI, 1995, p. 76). A curto prazo, servir a um líder pode trazer benefícios coletivos que tornam a existência mais suportável aos olhos dos indivíduos, levando ao conformismo ou ao aumento do desejo de exercer controle sobre si mesmo e sobre os outros. Para aqueles que servem por conveniência ou hábito, eventualmente começam a perpetuar o ciclo da superstição<sup>6</sup>, oscilando entre esperança e medo. Eles podem ceder ainda mais seus direitos a um único senhor ou a vários outros senhores, essa transferência

6 De acordo com Spinoza, a superstição surge da interação entre o medo e a esperança. Esses dois sentimentos são fundamentais para entender por que as pessoas aceitam o controle de suas vidas por outros. Spinoza argumenta que “os homens só se deixam dominar pela superstição enquanto têm medo” de possíveis adversidades futuras e da possibilidade de não viverem eventos positivos, ou têm esperança de que coisas boas aconteçam ou que possíveis males sejam evitados (Cf. TTP, Prefácio, p. 7). Essa dinâmica entre medo e esperança explica a tendência humana de se submeter à autoridade e ao controle alheios.

de direitos é frequentemente motivada pela busca de um maior nível de conforto e segurança que esses governantes prometem fornecer<sup>7</sup>. Tal comportamento ressalta uma característica intrínseca da condição humana: a dificuldade em manter a autonomia e a independência, preferindo, muitas vezes, o papel de servidor.

No entanto, existe um grupo minoritário de pessoas para as quais a segurança proporcionada pela submissão é insuficiente quando comparada ao desejo ardente de exercer o poder e o controle. Para esses indivíduos, o objetivo passa a ser a busca incansável pelo domínio sobre as massas, escolhendo o caminho que melhor se alinhe aos seus interesses pessoais e à conquista do poder soberano. Chauí (1995), nos apresenta uma reflexão sobre a soberania: “é soberano aquele que tem o poder para fazer valer seus direitos, e terá tanto direito quanto poder tiver para impor, defender e garantir esse direito-poder” (CHAUI, 1995, p. 76). Essa citação nos leva a compreender que não estar sujeito à autoridade de um senhor ou não se submeter aos comandos de outrem é um desejo profundamente enraizado no ser humano. Contudo, essa liberdade só pode ser alcançada através da expressão da vontade autônoma do indivíduo, que deve emergir de dentro para fora e não ser influenciada por fatores externos. Os anseios desses indivíduos ultrapassaram os limites da simples alegria; para eles, a felicidade é meramente representada pelo acúmulo incessante de posições sociais elevadas, poder dominante e riquezas materiais abundantes. Eles demonstram um interesse maior no que podem possuir do que na essência de seu ser ou nas possibilidades do que poderiam vir a se tornar. Confinados em suas esferas sociais isoladas, eles optam por ignorar as realidades que se estendem além dos muros protetores

7 Quando falamos de conforto e segurança, não estamos nos referindo unicamente à proteção física tangível, como aquela proporcionada pelos altos e robustos muros de um castelo fortificado ou pelo poder defensivo de um exército bem equipado e treinado. Estamos também considerando uma dimensão mais subjetiva e psicológica de bem-estar. Essa sensação é frequentemente derivada da fé ou crença em uma entidade ou ser transcendental, que é percebido como sendo supremamente superior em relação a todos os aspectos da existência humana. Tal ser é considerado onipotente, onisciente e onipresente, oferecendo um tipo de segurança que transcende o físico e adentra o espiritual e emocional, proporcionando aos crentes um refúgio contra as incertezas da vida e um porto seguro nas tempestades da existência humana.

de seus enclaves residenciais, mas se dedicam com vigor à preservação de seu modo de vida privilegiado. Eles são capazes de convencer aqueles que se encontram em uma posição de vulnerabilidade a apoiá-los em suas ilusões grandiosas, colaborando na construção de um mundo que, apesar de parecer novo em sua fachada, é essencialmente uma repetição dos velhos padrões.

A servidão, embora possa ser vista como contrária à natureza intrínseca dos homens, parece não incomodar aqueles que estão habituados a servir. Eles não se opõem a continuar ocupando “o seu lugar designado” na estrutura social, desde que recebam alguma forma de compensação em troca. O que antes era uma busca por segurança agora se transformou em um desejo por qualquer tipo de privilégio que os diferencie da massa e os eleve, mesmo que superficialmente, ao nível daqueles que consideram superiores. Essa elevação é muitas vezes baseada em uma concepção antiquada de humildade, que os faz aparecer como figuras respeitáveis diante dos olhos daqueles ao seu redor, independentemente do desprezo e da inveja que possam abrigar secretamente. Eles aspiram ao poder e ao estilo de vida dos outros enquanto mantêm uma aparência de resignação e modéstia diante do público que assiste comovido ao seu espetáculo teatral de obediência e simplicidade.

### **SUPERSTIÇÃO E FANATISMO**

Em meio a um sistema falho, os homens anestesiados pela rotina apenas observam o processo gradual de desintegração do bem comum, mas ainda tão arraigados à servidão, celebram cada revés sofrido por aqueles que consideram seus adversários. Após construir a imagem idealizada de seu deus, o homem define sua própria liberdade e organiza a sociedade — a “Cidade” — apoiando-se firmemente em sua servidão voluntária. Essa submissão é nutrida por um conjunto de crenças supersticiosas que os mantêm em um estado perpétuo de ignorância, independentemente do quanto estudem ou do quanto conheçam o mundo e as peculiaridades dos outros indivíduos. Eles se isolam e se protegem sob o véu da “verdade”, encarando as diferenças como desvios inaceitáveis da norma natural — erros que devem ser corrigidos através da sua lógica distorcida. Pois através do filtro de ódio, intolerância e ignorância com o qual veem

o mundo, eles rejeitam tudo o que não se encaixa na ordem universal que estabeleceram para si mesmos. Assim, o povo comum, tomado pelo fanatismo cego, grita, esperneia e propaga sua mensagem de certeza inabalável, rotulando como criminosos todos aqueles que pensam diferente ou que se recusam a obedecer ao código moral imposto. Sob coerção, o povo sofre e o soberano, incapaz de manter a paz no Estado, torna-se paradoxalmente mais fraco e mais forte ao mesmo tempo. Mesmo diante do processo contínuo de deterioração do seu governo e da erosão da sua base de apoio popular, ele se mantém pelo impulso inercial da multidão. Essa multidão está perdida em conflitos internos ilusórios e não consegue superar sua própria incapacidade latente para realizar mudanças significativas.

Dentro de uma sociedade, encontramos diversas representações de agrupamentos humanos, cada um com suas características e funções distintas. Quando esses agrupamentos emergem de uma base comum, onde todos os indivíduos estão submetidos a uma constituição e fazem concessões a um líder, eles representam o que chamamos de povo<sup>8</sup>. Por outro lado, quando esses mesmos indivíduos se unem em torno de um objetivo comum e impõem sua força coletiva para alcançá-lo, eles se transformam em uma multidão. A multidão é poderosa e determinada, capaz de mover montanhas para atingir suas metas. Contudo, essa mesma multidão pode perder sua essência quando se deixa levar pela vontade de terceiros, sem buscar o que é verdadeiramente útil para si mesma. Nesse momento, ela se torna o vulgo — uma massa facilmente influenciável e moldável.

O vulgo é alimentado por emoções brutas como gritos e lágrimas, e sua percepção sobre amor e admiração pode rapidamente se transformar em ódio profundo, tudo isso ao simples estalar de dedos daqueles que os manipulam. Incapazes de formular um pensamento independente, os membros do vulgo seguem ordens cegamente, repetem ideias sem reflexão e espalham seu condicionamento sem considerar se os outros estão dispostos a aceitá-lo ou não. Qualquer traço de singularidade ou individualidade dentro do vulgo é prontamente

<sup>8</sup> O povo é composto por cidadãos que formam a estrutura de uma Cidade livre, onde cada membro contribui para o bem-estar e desenvolvimento coletivo.

suprimido através de punições “adequadas”. Isso serve para manter o frágil equilíbrio entre o medo e a esperança que sustenta essa estrutura social. No entanto, nem todos se submetem a esse ciclo repressivo. Alguns indivíduos conseguem, através de um esforço hercúleo, viver de acordo com sua própria natureza e verdade. Esses são os que desafiam as normas estabelecidas e buscam um caminho próprio, guiados por suas convicções internas e pela busca incessante da autenticidade.

Existem, pois, muitas coisas, fora de nós, que nos são úteis e que, por isso, devem ser apetecidas. Dentre elas, não se pode cogitar nenhuma outra melhor do que aquelas que estão inteiramente de acordo com a nossa natureza. Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos. Disso se segue que os homens que se regem pela razão, isto é, os homens que buscam, sob a condução da razão, o que lhes é útil, nada apetecem para si que não desejem também para os outros e são, por isso, justos, confiáveis e leais. (E4P18S)<sup>9</sup>

9 No imenso e diversificado mundo que nos cerca, existe uma infinidade de elementos que, embora estejam além da nossa existência individual, são extremamente valiosos para nós. Esses elementos, devido à sua utilidade inestimável, despertam naturalmente nosso interesse e desejo. Dentre todos os elementos externos disponíveis, nada é mais precioso do que aqueles que ressoam e estão em harmonia com o nosso ser mais íntimo e verdadeiro. Tomemos como exemplo a poderosa dinâmica que ocorre quando duas pessoas, cujas essências são idênticas ou incrivelmente similares, decidem combinar suas forças. Ao fazerem isso, elas criam uma entidade que é significativamente mais poderosa do que seriam individualmente. Esta fusão resulta em uma força coletiva que é excepcionalmente eficiente e eficaz, demonstrando claramente que para um ser humano, não há nada mais valioso do que outro ser humano. Portanto, aqueles indivíduos guiados pela razão – aqueles que buscam o que é útil seguindo a orientação da razão – não desejam nada para si mesmos que não desejariam também para os outros. Eles compreendem que o verdadeiro benefício pessoal está intrinsecamente conectado ao benefício coletivo.

Na busca pela perseverança em sua própria existência, os seres humanos observam e desejam aquelas coisas que consideram úteis (E3P12), não apenas aquelas que lhes trazem felicidade pessoal, mas também aquelas capazes de proporcionar felicidade aos outros (E3P27). Assim, muitas vezes compartilham desejos similares ao se imaginarem afetados pelo mesmo sentimento de alegria já experimentado por outra pessoa. Enquanto um indivíduo deseja reviver uma experiência prazerosa (E3P36), outro aspira a replicar essa experiência positiva porque acredita que possuir o mesmo objeto ou vivenciar a mesma situação lhe proporcionará um tipo semelhante de contentamento. No entanto, quando um objeto desejado está disponível apenas em quantidade limitada, surge um conflito entre os homens na disputa por esse bem escasso (E3P32). Esse conflito persiste até que alguém demonstre maior força ou habilidade e conquiste a posse do objeto cobiçado (E4Ax). Aqueles que não conseguiram obter o objeto passam a nutrir sentimentos negativos – como ódio – em relação ao vencedor (E3P30S), pois o associam à tristeza causada pela perda daquilo que desejavam. O vencedor pode escolher retribuir esse ódio ou pode sentir-se angustiado ao perceber seus semelhantes afetados pela tristeza. Isso pode levá-lo a agir de maneira benevolente, buscando fazer tudo aquilo que imagina trazer alegria aos outros (E3P29). Ao perceberem-se amados por quem antes odiavam, os indivíduos ficam divididos entre sentimentos de amor e ódio (E3P41C), pois ao se sentirem amados, sentem-se compelidos a retribuir esse amor e esforçar-se para fazer o bem (E3P39) em troca do bem recebido.

#### **A TRANSFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE**

Essa reciprocidade de ações positivas fortalece os laços entre as pessoas e promove um ambiente de cooperação e respeito mútuo. Em uma sociedade onde cada indivíduo se esforça para beneficiar não apenas a si mesmo, mas também aos outros, cria-se uma rede de apoio e solidariedade que é fundamental para o progresso coletivo e a felicidade individual. Em resumo, a interconexão entre os seres humanos e o desejo compartilhado de experiências alegres são forças poderosas que moldam nossas vidas e nossas sociedades. Por isso, na demonstração da proposição 43 da Terceira parte da *Ética*, Spinoza diz:

[...] se, inversamente, ele imagina que esse outro está afetado de amor para consigo, à medida que imagina isso (pela prop. 30), considera a si mesmo com alegria e, dessa maneira (pela prop. 29), se esforçará por lhe agradar; isto é (pela prop. 41), se esforçará por não odiá-lo e por não afetá-lo de qualquer tristeza. E esse esforço (pela prop. 37) será diretamente proporcional ao afeto do qual provém. Consequentemente, se for maior do que aquele que provém do ódio pelo qual ele se esforça por afetar de tristeza a coisa que odeia (pela prop. 26), esse esforço prevalecerá e apagará o ódio do ânimo. (E3P43D)<sup>10</sup>.

À medida que o ódio diminui, influenciado pelo prazer derivado das coisas que desejamos, o amor promove uma transformação na disposição do corpo. Essa transformação resulta em uma variedade de reações e desperta novas imagens mentais de objetos de desejo, levando a mente a imaginar e ansiar por diferentes experiências e possibilidades. Essa nova série de imagens mentais e desejos estabelece uma cadeia de ideias<sup>11</sup> que afeta as emoções e sensações do corpo de maneiras variadas. Os corpos que compõem o corpo humano são influenciados por afetos familiares de formas novas e distintas, marcando uma mudança

10 Quando uma pessoa percebe que é objeto de amor por parte de outra, essa percepção desencadeia uma série de reações emocionais e comportamentais positivas. A sensação de ser amado gera um sentimento de felicidade e autoestima elevada, pois ser o foco do amor de alguém é um reflexo positivo do nosso valor. Essa experiência de alegria leva a pessoa a querer retribuir o sentimento, criando um desejo de manter e fortalecer essa relação afetiva. Isso se manifesta em um esforço consciente para evitar sentimentos negativos como o ódio e ações que possam causar tristeza à pessoa amada. O objetivo é preservar a harmonia e promover o bem-estar mútuo. A intensidade desse esforço para manter uma relação positiva é proporcional à força do amor sentido. Se esse amor for mais intenso do que qualquer sentimento de ódio que possa surgir, ele prevalecerá, dissipando o ódio e promovendo sentimentos de paz e contentamento interior.

11 A nova sequência de ideias que surge sob a influência do amor destaca ainda mais o equívoco daqueles que, historicamente, encararam os sentimentos humanos, especialmente os afetos, como elementos negativos que deveriam ser erradicados da existência humana. Essa visão equivocada, muitas vezes justificada em nome de uma divindade ou de um ideal religioso, falha ao não reconhecer esses afetos como componentes intrínsecos e naturais da condição humana. Ao invés de serem vistos como falhas ou fraquezas a serem combatidas, esses sentimentos devem ser entendidos como aspectos fundamentais que contribuem para a rica tapeçaria da experiência humana, moldando não apenas nossas interações pessoais, mas também o desenvolvimento cultural e social ao longo da história.

significativa na maneira como percebemos e vivenciamos o mundo. Indivíduos inseridos no mesmo ambiente começam a vivenciar suas rotinas diárias sob uma nova luz, desafiando o que antes era considerado certo ou benéfico.

Ao aprofundarem o entendimento sobre a relevância da utilidade mútua, os indivíduos se dedicam a cultivar uma existência compartilhada, buscando preservar e ampliar os benefícios e as gratificantes interações que emergem dessa convivência. Entre todas as entidades únicas que existem, nenhuma é mais benéfica para um indivíduo do que outro ser humano que vive guiado pela lógica da razão. No entanto, a vida humana não é regida exclusivamente pela razão; existe uma vasta gama de emoções decorrentes da felicidade, da tristeza e do desejo que exercem uma influência mais profunda e significativa em suas vidas, definindo sua força através dos impulsos que os motivam a agir em busca da autopreservação. Embora alguns possam agir racionalmente, tal comportamento não é uma norma universal nem define as pessoas como boas ou más. Independentemente de serem movidos pela razão ou meramente por seus sentimentos, os seres humanos estão em conformidade com as leis da natureza, e suas ações visam a autopreservação. Isso leva ao fortalecimento de sua capacidade de agir, pois na busca pela autoconservação, procuram aquilo que potencializa sua capacidade de ação. Assim, cada um se esforça ao máximo para persistir em sua existência, evitando tudo o que possa causar sofrimento, os encontros desfavoráveis que resultam na deterioração e enfraquecimento físico e mental.

Quando enfraquecidos pelos efeitos de sentimentos negativos resultantes de encontros desagradáveis, os indivíduos tornam-se vulneráveis à influência de outros mais poderosos. Nesse ponto inicia-se a manipulação dos menos informados por aqueles que possuem algum conhecimento ou se consideram superiores por terem algum vínculo com a divindade venerada pelas massas. Desconsiderando a reciprocidade do benefício mútuo, esses manipuladores direcionam seus desejos para obter vantagens pessoais e bens materiais que resultam na opressão dos mais fracos. Nessa troca desigual, eles recebem muito mais do que estão dispostos a dar.

Aqueles que sabem explorar o medo e a esperança das pessoas encontram na superstição o meio mais eficaz de mantê-las subjugadas e obedientes aos desejos do governante, especialmente quando esses desejos são apresentados como sendo ditados por um deus simultaneamente amoroso e cruel com aqueles que duvidam de seu poder ou simplesmente desconhecem ou desconsideram sua existência. Comomencionado anteriormente, essa divindade busca ser amada e adorada incessantemente pelos homens e, para alcançar esse objetivo, utiliza seus profetas para envolver o maior número possível de seguidores nas narrativas que compõem seu mito. À medida que os indivíduos são compelidos a agir por influências externas, eles se tornam progressivamente mais desprovidos de autonomia. Não só estão submetidos à vontade de terceiros, mas também se convencem de que são livres, pois acreditam que as diretrizes que seguem emanam de sua própria escolha, aderindo a elas sem refletir sobre as razões que os fazem acatar tais ordens tão prontamente. Um estado construído sobre tais premissas é tão vulnerável diante de outras nações quanto um homem isolado frente a um grupo maior e mais organizado, sendo um alvo fácil para ser conquistado ou subjugado pelos mais poderosos.

Ao falhar em reconhecer o valor do próximo, as pessoas se fragmentam em facções, estabelecendo barreiras conscientes entre si e criando justificativas para não interagirem entre os grupos, preferindo se distanciar daqueles considerados diferentes ou prejudiciais à “sociedade”. Eles definem minorias e as marginalizam com o objetivo de preservar direitos e proteger os cidadãos considerados virtuosos, enquanto anseiam por uma realidade que já não mais existe. Esses são os verdadeiros obstáculos ao progresso social; agarrando-se às glórias passadas e resistindo vigorosamente ao presente, eles veem seus ideais serem superados por uma nova geração que não se prende aos conceitos de hierarquia e tradição. Temem um futuro em que os privilégios que lhes são familiares possam desaparecer e, desejando a continuidade de seu domínio, não hesitam em sacrificar qualquer chance de avanço para aqueles que consideram diferentes ou inferiores. Ao refletir sobre a força coletiva

de todos os membros que constituem uma nação, poderia se imaginar que tal agregação de forças individuais seria suficiente para garantir os direitos de cada um de maneira justa e sem exceções. Nesse cenário ideal, todos os cidadãos seriam vistos como iguais, com acesso idêntico a um conjunto uniforme de direitos e obrigações, pois governariam uns pelos outros em um sistema de reciprocidade e colaboração. Contudo, como Spinoza (2004) observa, nem todos os indivíduos que viveram sob o jugo de um tirano se adaptam bem a esse tipo de liberdade. Muitos encontram conforto na familiaridade da antiga ordem e tendem a buscar uma estrutura semelhante após se libertarem do domínio anterior. Parecem valorizar mais a estabilidade e a segurança proporcionadas por um poder centralizado do que a liberdade em si, almejando benefícios sem o correspondente esforço individual, contentando-se em fazer pedidos e aguardar que sejam atendidos.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, realizamos uma investigação sobre as dinâmicas que interligam a imaginação, a razão e a servidão na renomada obra “*Ética*” de Baruch Spinoza. Através de uma análise, buscamos compreender como esses elementos fundamentais interagem entre si para influenciar a percepção humana e, conseqüentemente, moldar as estruturas sociais em que vivemos. Tornou-se claro que, segundo Spinoza, a evolução do conhecimento humano - partindo da imaginação, que é limitada por natureza, passando pela razão e culminando na intuição intelectual - é essencial para atingir um estado de verdadeira liberdade.

Ao longo deste trabalho, discutimos os três tipos de conhecimento apresentados por Spinoza, oferecendo uma perspectiva ampliada sobre a complexidade inerente à mente humana e seu potencial para alcançar um nível de compreensão mais profundo e abrangente da realidade que nos cerca e de nossa própria essência. Foi possível observar que as limitações impostas pela imaginação são amplamente superadas através do desenvolvimento da razão e da intuição, sugerindo uma progressão da consciência humana de estados inferiores para superiores de conhecimento e liberdade. Esta transição não apenas esclarece o indivíduo sobre as verdadeiras causas dos fenômenos,

mas também promove uma sociedade mais justa e harmoniosa, onde a superstição e o medo são substituídos pelo entendimento e pela cooperação.

No entanto, a jornada para a liberdade plena é complexa e permeada por desafios sociais e psicológicos, particularmente no que tange à influência das hierarquias e autoridades que se alimentam da imaginação para perpetuar seu controle. Portanto, estudos futuros poderiam explorar mais profundamente como as sociedades modernas podem efetivamente aplicar os princípios spinozanos para diminuir a servidão a tais ilusões e promover uma existência mais autônoma e racional. Por fim, reafirma-se a relevância de Spinoza para o pensamento contemporâneo, principalmente no que tange ao desenvolvimento de sociedades que valorizam o conhecimento crítico e a liberdade individual como pilares para o progresso humano.



## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Diogo Pires. **A política na correspondência de Espinosa**. Revista Discurso (31), 2000.

AURÉLIO, Diogo Pires. **Imaginação e poder: estudo sobre a filosofia política de Espinosa**. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

CAMPOS, André Santos. **Jus sive Potentia: direito natural e individuação em Spinoza**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

CARVALHO, Joaquim de. Introdução à *Ética*. In SPINOZA. **Ética**. Introdução e notas de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).

CHAUÍ, Marilena. **Política em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. Benedictus de Spinoza e a servidão humana: a Parte IV da *Ética*. In AQUINO; FRAGOSO; SOARES (org.). **Ética e metafísica**. Fortaleza: EdUECE, 2007. (Coleção Argentum Nostrum)

MAQUIAVEL. Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Clássicos)

SPINOZA, Benedictus de. **Breve Tratado de Deus**, do homem e do seu bem-estar. Tradução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: EdUSP, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Introdução e notas de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

SPINOZA, Benedictus de. **Opera Posthuma**. Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg, Carl Winter, 1972. v. II.

SPINOZA, Benedictus de. **Opera Posthuma**. Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg, Carl Winter, 1972. v. III.

SPINOZA, Benedictus de. **Spinoza**: correspondencia. Introdução, tradução, notas e índices de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado da reforma da inteligência**. Tradução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado político**. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado teológico-político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

